

Artes e Ofícios do Nordeste Alentejano

Arts and Crafts from Nordeste Alentejano, Portugal

Maria da Conceição Torres Cordeiro

Resumo

Tem a presente comunicação o objetivo de reunir informação de um modo sequencial e ao mesmo tempo apresentar dados recolhidos pelos alunos da disciplina de Artefactos e Arte de Expressão Popular, do Curso de Animação Educativa e Sociocultural (1999-2008), da Escola Superior de Educação de Portalegre (E.S.E.P.). Localizando-se a E.S.E.P. num território privilegiado, o Nordeste Alentejano, onde as artes e os ofícios marcam a sua presença definindo uma identidade cultural muito própria. Apontam-se ainda autores plásticos cujas obras demonstram sensibilidade pela produção artesanal.

Procura-se por outro lado apresentar projetos onde a produção artesanal se concilia com as metodologias do design, de modo a reconverter os artefactos existentes, criando propostas contemporâneas.

Apresenta-se um caso de um artesão que não se circunscrevendo ao Nordeste Alentejano julgamos ser de todo o interesse referir.

Palavra-chaves: arte, artesanato, cultura, design, identidade, imaginário.

Abstract

This communication has the purpose of gathering information in a sequential manner, chronological while presenting data collected by the students of the discipline of Art and Artefacts of Popular Expression, from the Education and Sociocultural Animation Course (1999-2008) from the Escola Superior de Educação de Portalegre (ESEP). Locating the E.S.E.P. in a privileged territory, the Northeast Alentejo, where the arts and crafts mark their presence by setting cultural identity.

We present plastic authors whose works demonstrate sensitivity to craft production.

We wanted otherwise submit projects where artisanal production fit in with design methodologies to convert existing artifacts, creating contemporary proposals.

We present a case of a craftsman who does not circumscribing the Northeast Alentejo but we decided to note.

Keywords: art, craft, culture, design, identity, imaginary.

1. A Exposição *Reinventar a Matéria*

A exposição *Reinventar a Matéria*¹ marca a necessidade de repensar uma nova era para as artes e ofícios tradicionais em Portugal; realizada em 2001, ano em que a cidade do Porto respondeu aos desafios como Capital Europeia da Cultura, a exposição ocupou

¹ In Glossário, p. 43: *Reinventar a matéria*: título e tema da exposição Escala Porto reinventa a matéria, em que se presegue um ideal de valorização dos produtos artesanais pela inovação da técnica, materiais e desenho. Esta exposição foi preparada pela ESAD de Matosinhos e pelo CRAT, integrada no evento *PublicPlace* organizado pelo Centro Português de Design no contexto da bienal *Experimentadesign*.

dois pisos do Centro Regional de Artes Tradicionais², na Rua da Reboleira, localizado no centro histórico e património mundial.

Esta exposição foi comissariada por Francisco Providência, designer, Professor Associado Convidado e Diretor do Mestrado em Design na Universidade de Aveiro.

Pretendia-se com esta exposição uma aproximação dos designers aos produtos, processos e materiais de origem artesanal numa perspetiva de inovação. Do programa destaca-se:

Esta proposta visa, de modo lato, promover a ligação experimental entre designers e artesãos, a fim de fomentar o incremento do artesanato nos mercados, sugerindo o dispositivo criativo da permuta entre tipologias de objectos e materiais convencionalmente convocados para a sua realização³.



Fig.1 – Uma das salas da exposição *Reinventar a Matéria* no edifício do CRAT.

Nesta exposição é explicitado o conceito de artesanato:

Artesanato: reconhecem-se como artesanais os artefactos do património cultural de uma sociedade, instrumentos de trabalho, objetos de uso quotidiano ou apenas de atividade lúdica. Estes artefactos tradicionais revelam a síntese, consolidada ao longo de centenas ou milhares de anos, entre identidades étnicas, processos construtivos e programas de uso, normalmente de resposta a necessidades práticas. Assim, os objetos arcaizados do artesanato português, encontram-se cada vez mais afastados das necessidades urbanas contemporâneas (...). Tendo perdido terreno no concurso com a indústria, o artesanato mantém o significado de veículo cultural da localidade, podendo assim oferecer propostas singulares à globalização.⁴

² O Centro Regional de Artes Tradicionais foi extinto em Dezembro de 2010. Publicava a Revista “Mãos” dedicada às artes e ofícios artesanais; o número 33 data de Janeiro/Junho de 2009 e é o último número registado.

³ In Programa da exposição *Reinventar a Matéria*, p. 15.

⁴ In Glossário p. 38.

Trata-se de uma exposição que marca a necessidade de conciliar os conhecimentos técnicos e identitários da cultura rural portuguesa com a disciplina de metodologias específicas como é o Design, conduzindo-nos para as necessidades e vivências contemporâneas.

2. A Sensibilidade pela Cultura Popular

O movimento modernista português regressa à cultura popular para reconstruir as suas obras pictóricas.

Na obra de Amadeu de Sousa Cardoso *Canção Popular*, a figura principal é inspirada nas bonecas de trapos tradicionais e na olaria.



Fig.2 - Amadeu de Sousa Cardoso,
Canção Popular, a Russa e o Fígaro, c. 1916.
Óleo sobre tela, 80 cm x 60 cm.

Em Eduardo Viana na obra *Composição de 1947* observamos uma cadeira alentejana; outras obras como *La Petite* de 1916 é baseada nas bonecas populares, temática que serviu para a elaboração de várias construções pictóricas; a pintura *O Homem das Loijas* de 1919 confirma o interesse de Eduardo Viana pelos ofícios artesanais.

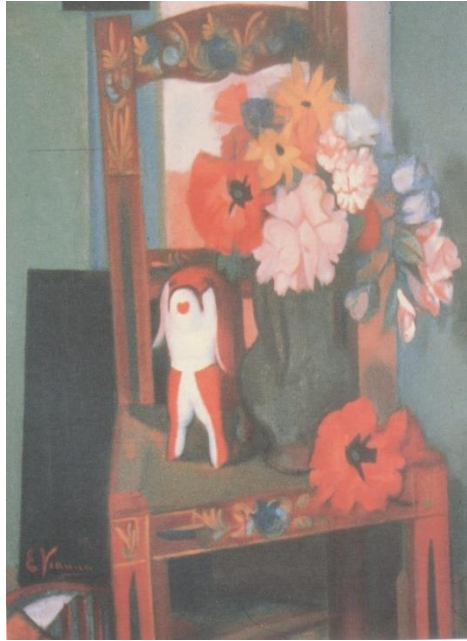


Fig. 3 - Eduardo Viana, *Composição*, 1947.
Óleo sobre tela, 100 cm x 80 cm.

Mais recentemente, o interesse pelo que é popular surge com Paula Rego. Numa entrevista feita por Alexandre Melo, em 2004, quando é questionada sobre as suas principais fontes de inspiração, Paula Rego responde: “*Sempre à arte popular e nunca aos grandes mestres. Coisas de rua, contos tradicionais. Coisas mais robustas, que têm a ver com a comida, com as praças, coisas portuguesas nesse sentido (...)*”⁵



Fig. 4 - Paula Rego, *Mulher Cão*, 1994. Pastel sobre tela, 120 cm x 160 cm.

Joana de Vasconcelos apropria-se dos trabalhos femininos das artesãs de Nisa para a construção da sua peça *Valquíria – Enxoval*, de 2009, destinada ao Complexo Termal

⁵ Melo, 2004, p. 61.

da Fadagosa, Nisa. Esta obra completa a temática das Valquírias iniciada em 2004, com referência a figuras mitológicas femininas nórdicas, protetoras dos cavaleiros em situação de batalha. A colocação destas peças em suspensão remete-nos para a posição de sobrevoo sobre os campos de batalha.

A designação de *Enxoval* indica a matéria têxtil de que é construída: bordados, alinhavados, aplicações em feltros, renda de bilros e frioleiras. As peças como toalhas, colchas, lençóis com estas aplicações eram elaboradas pelas raparigas solteiras de Nisa para o seu enxoval e vendidas quando casavam, para aquisição de casa própria.



Fig. 5 - Joana de Vasconcelos, *Valquíria-Enxoval*, 2009.

3. Artesãos do Nordeste Alentejano

*“A província do Alentejo é a lareira onde arde mais vivo, mais claro e mais alto, o fogo tradicional da arte popular portuguesa”*⁶

Vergílio Correia, 1916-17

Os artesãos que seguidamente se apresentam constituem uma pequena mostra do levantamento realizado na disciplina Artefactos e Arte de Expressão Popular do Curso de Animação Educativa Sociocultural e do Curso de Qualificação para o Exercício de outras Funções Educativas – Área de Animação Sociocultural, entre os anos de 1999 e 2008, na Escola Superior de Educação de Portalegre.

⁶ Correia, 1916-1917, p. 23.

Consideram-se produtos de autor, dentro de uma escultura de cariz popular e produtos resultantes dos ofícios artesanais pelo seu processo de produção.

Registamos que alguns destes artesãos já não se encontram entre nós mas consideramos importante a sua divulgação.

3.1 Emílio Miranda Relvas

Os trabalhos em castanho, pau bucho, plátano, macieira e laranjeira de Emílio Miranda Relvas⁷, do Reguengo, Portalegre remetem-nos para a representação do imaginário popular e do quotidiano.



Fig. 6 - Emílio Miranda Relvas na *Sala dos bonecos*.
Alunos: Paula Patacas, João Martins e Ermelinda Azeitona, 2000.

À semelhança de outros artistas populares⁸ a madeira e as ferramentas como o serrote, a goiva, os formões e os canivetes servem para a criação de formas originárias, de formas arcaicas. Aos 65 anos de idade iniciou a construção destas formas, levado pelo pedido de criação de um *boneco* por parte de uma criança sua vizinha e assim continuou com estas representações interiorizadas ao longo de uma vida, adquirindo uma expressividade autêntica e original.

⁷ Destacamos o artigo sobre Emílio Relvas de Carlos Baptista *O Museu Imaginário, o jogo das formas e dos símbolos na obra de um artesão alentejano*, Revista Pormenores (Setembro/Outubro) 2010, pp. 36-39.

⁸ Como Franklin Martins Ribeiro mais conhecido por Franklin Vilas Boas Neto sobre o qual Ernesto de Sousa organizou uma exposição em 1964 *Barristas e Imaginários* na Livraria Divulgação, Lisboa. Uma segunda *Quintino e Franklin Vilas Boas* em 1968, Secção de Artes Plásticas do extinto Centro Académico de Famalicão. Ainda sobre este autor realizou-se em Dezembro de 1995, no Museu Nacional de Etnografia uma exposição intitulada “*Onde Mora o Franklin, um escultor do acaso*” com a coordenação de Joaquim Pais de Brito.



Fig. 7- Representações tridimensionais em madeira.

O processo de execução, de uma grande simplicidade, consistia na seleção da madeira a trabalhar de acordo com a projeção da peça final. O traço a lápis definia as dimensões, seguidamente cortadas com serrote. Mais uma vez é o traço do lápis que estabelece as proporções das diferentes partes da peça. Com a ponta do canivete as formas eram esboçadas, com a goiva e o formão que dava origem aos sulcos de modo a fazer sobressair a figuração.



Fig. 8 – Representações tridimensionais em madeira.

O seu espólio encontra-se exposto no Museu dos Bonecos, na freguesia do Reguengo, Portalegre.

3.2. João Paixão

Em Castelo de Vide, na rua do Forno nº 9, ao castelo, acompanhámos o trabalho de João Paixão, que com determinação esculpia em madeira de choupo e em cortiça, utilizando ferramentas elementares – canivetes, canivete artesanal, formão, furador, lixa -, formas e engenhos da sua imaginação. João Paixão pretende fazer do seu trabalho a expressão da diferença: *são os homens dos bonecos*, assim designados estes homens, pouco compreendidos pelos seus conterrâneos. A estas formas são associados, por vezes, engenhos que produzem movimento, peças articuladas que giram.



Fig. 9 – João Paixão, Castelo de Vide.

Alunos: Sílvia Estanques e José Maria Rosa, 2001.

alunos: Sílvia Estanques e José Maria Rosa, 2001



Boneco feito de madeira de choupo 14x9x3 cm

Carro de Brincar em cortiça 30x15 cm

Fig. 10 – Vistas das peças.



Pássaro de cortiça e madeira 80x25x4,5 cm

Fig. 11 - Vistas da peça.

A divulgação do seu trabalho era feita pela colocação das peças à porta do castelo, no posto de turismo de Castelo de Vide, participação em feiras e eventos e uma presença na televisão.

Quando lhe perguntaram quanto tempo teria durado a sua aprendizagem, João Paixão responde: *Ao longo da vida vou sempre aprendendo.*

3.3 José Brás Marôco

José Brás Marôco reside no lugar de Abenaia – Vale de Rodão, no concelho de Marvão.



Fig. 12 - José Marôco junto a uma das peças.

Este artesão, dedicado aos trabalhos do campo, começa a talhar as suas primeiras peças aos 50 anos de idade. Inspira-se nos objetos e nas cenas do seu quotidiano e nos animais que o rodeiam - casal de porcos, figuras humanas, tarros, colheres, garfos, candeias, arados, carroças e muitas outras -, utilizando as madeiras da região como o castanho, o buxo, a laranjeira, a noqueira e a oliveira.

Para talhar estas madeiras José Brás usa como ferramentas o serrote, a enxó, o machado, a navalha (a mais importante), o formão, a grossa e como material de acabamento a lixa.



Fig. 13 - Representação de porcos em madeira.

Poderemos encontrar as suas peças no posto de turismo de Marvão ou visitando-o na sua residência.

3.4 Emílio da Silva Bilé

Emílio Bilé é natural de Portalegre, onde reside e trabalha. Procura, nas imediações da cidade, as raízes e os troncos de oliveira, de laranjeira, de castanheiro, de cerejeira e de joina, que costuma recolher nos meses de Janeiro e Junho.



Fig. 14 – Emílio Bilé no seu estúdio.
Alunos: Maria Antónia Almeida e Manuel Trindade ,
2004

Deu início a este processo criativo quando num passeio à Barragem do Caia, depois de almoço, à beira da água descobre uma raiz e com o canivete começa *a fazer um boneco*.

Poderemos estabelecer paralelismo deste artesão com o trabalho de Franklin Vilas Boas referido anteriormente.

A divulgação do seu trabalho é feita através da participação em feiras e eventos relativos às práticas artesanais; foi convidado para o programa da RTP *Um Certo Sorriso* em 1989 e deu entrevista para o jornal *Fonte Nova* de Portalegre, em Junho de 2003 intitulada *As Maravilhas de um Autodidacta*.



Fig. 15 - Peça *Cobra com uma cabeça* 49x13x34cm.



Fig. 16 – Peça *Cão* em tronco de oliveira. 61x36x51 cm.

Como os artesãos anteriormente referidos utiliza para a concretização das suas peças navalhas, x-atos, limas e lixas.

3.5 Joaquim António Tiago

Joaquim António Tiago mais conhecido pelo *Pica-foices* reside em Barbacena, concelho de Elvas. Iniciou aos 8 anos de idade a construção do seu imaginário.



Fig.17 – Joaquim Tiago
Alunos: Alexandra Calado, Guilherme Trindade, Mara Eustáquio
e Margarida Lopes, 2005



Fig. 18 – Representação da ceifa.



Fig. 19 – Representação de uma cozinha alentejana.

As suas representações, cenas do quotidiano rural alentejano em cortiça pintada, constituem uma realização pessoal, independentemente do valor económico que as peças poderão ter.

3.6 Joaquim António Carriço Martins

Joaquim António Carriço Martins, mais conhecido por *Rolo*, reside na freguesia da Glória, concelho de Estremoz e considera que se tornou artesão porque o destino assim o quis.



Fig. 20 - Joaquim *Rolo*
Alunos: Ana Cláudia Saruga, Elsa Brito e Sara Cochico, 2005.

Dedica-se à *arte pastoril* depois da agricultura e da passagem pela indústria dos mármore.

O seu trabalho foi exposto em vários pontos do País entre eles a FIL, Lisboa e o Casino de Vilamoura. Apreciado pelos japoneses no que diz respeito aos seus marcadores de pão que efetivamente servem para marcar o pão e não apenas como objetos estéticos.

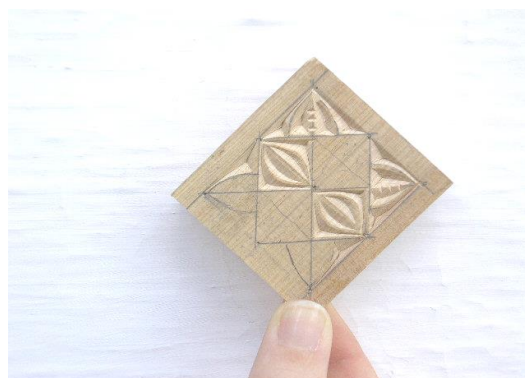


Fig. 21 – *Lavrar a madeira*

As suas peças foram levadas para vários países entre eles a República da Arménia, Espanha e Estados Unidos.

Em 2005 doou grande parte das suas peças ao Museu Municipal de Estremoz Professor Joaquim Vermelho.



Fig. 22 – Marcadores de pão. Vista de frente (esq.). Vista de baixo (dir.).

Os marcadores de pão eram utilizados para identificar o pão, cozido em fornos comunitários.



Fig. 23 – Colher *provadeira*

A colher *provadeira* servia, como o nome indica, para provar a comida quando feita no campo, evitando assim a contaminação.

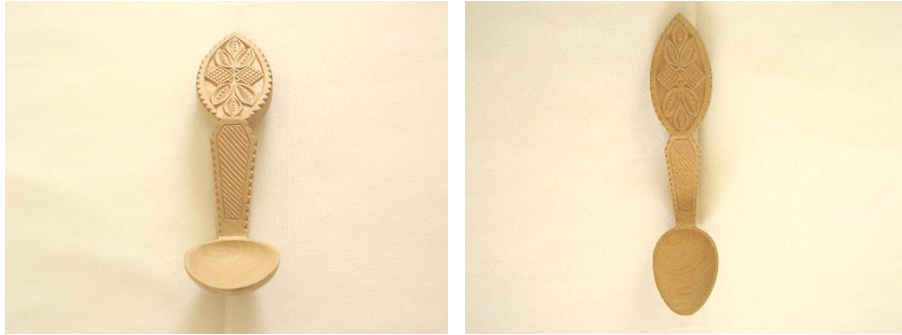


Fig. 24 – Colheres *lavradas*

As colheres de madeira eram *lavradas*, sendo a da esquerda (Fig. 24) designada por *colher de porqueiro*.

Os chifres eram também *lavrados*; se a função era de guardar pólvora eram designados de *polvorinhos*; outros poderiam guardar e transportar alimentos como azeitonas.



Fig. 25 - Chifres *lavrados*

As colheres da Fig. 26 são designadas de colher *Casamento de antigamente*, peça executada de uma só madeira, sem colagem, representando a união pelo casamento.



Fig. 26 – Colheres *Casamento de antigamente*.

Joaquim Rolo, para além dos trabalhos de *arte pastoril*, recuperou *Os Bonecos de St. Aleixo*, marionetas tradicionais alentejanas e pertencentes ao Centro Dramático de Évora.

Este artesão identifica o seu trabalho do seguinte modo: *Escrevo com o bico do canivete*, numa confissão a Maria do Carmo Piçarra do Correio da Manhã, em 2004.

3.7 António Adélio Roque Baptista Real

António Real mais conhecido por Sr. Galguinho, natural de Portalegre, escolheu materiais como a madeira e a cortiça para elaborar tarros, tropeços, saleiros, cochos, cochas, peças integradas na denominada *arte pastoril*.



Fig. 27 – António Adélio Real
Alunos: Rosa Cardoso, Lólia Ferreira e Pedro Ferreira, 2005.

Os tarros de esmerada elaboração são *bordados* com motivos geométricos inspirados em peças antigas.



Fig. 28 – Vistas de frente e lateral do tarro *bordado*.

Para além do *bordar* a cortiça em tarros com um gosto sempre renovado, executa colheres, facas, garfos, *cádegas* ou chavelhas em pau bucho, madeira de laranjeira e também do miolo do azinho.

3.8 Belmira do Carmo Branquinho

Numa estreita e inclinada rua de Castelo de Vide podemos encontrar a Casa de Chá Belmira, na Rua Almeida Sarzedas, nº 31, pertencente a D. Belmira Branquinho, boleira de profissão.



Fig. 28 – D. Belmira do Carmo Branquinho.

Alunos: Marcelo Rodrigues,
M^º João Madeira,
Ricardo Marreiros, Sandra Miguel, 2005.

Para além dos bolos tradicionais D. Belmira dá continuidade à tradição com a elaboração de um foliar confeccionado pela Páscoa e que é oferecido pelos padrinhos aos

afilhados: o *Lagarto da Páscoa*. Esta forma remete-nos para a simbologia judaico-cristã da regeneração e da renovação: a ressurreição de Cristo. Leituras simbólicas podem ainda ser complementadas com o significado do ovo cozido, da forma do lagarto e da cor da fita colocada (se é um rapaz ou uma rapariga).

Poder-se-á compreender este ato de oferecer um *Lagarto da Páscoa* como o desejo de boa sorte.



Fig. 29 – Vistas de cima e lateral do *Lagarto da Páscoa*.



Fig. 30 – Vista de cima do *Lagarto da Páscoa*.

Este foliar em forma de lagarto pode ainda encontrar-se em outros locais do Alto Alentejo como Nisa, Sousel, Portagem (Marvão) e Portalegre.

De modo a divulgar os seus produtos D. Belmira participou em programas televisivos e na EXPO 98. O seu trabalho encontra-se documentado em livros sobre tradições populares.

3.9 Maria Fernandes Anselmo

Maria Fernandes Anselmo dedica-se à trapologia, através de uma aprendizagem autodidata, de contínuo aperfeiçoamento, na vila de Castelo de Vide, mais propriamente na sua residência na Rua do Mercado, nº 5.



Fig. 31 – D. Maria Fernandes Anselmo.

Alunos: Nelson Fartouce à esquerda e Luís Janeiro à direita, 2007.

A trapologia é um processo artesanal tradicional na vila de Castelo de Vide. A saca do pão, com o nome da vila bordado, tornou-se um símbolo da vila, oferecida em ocasiões festivas. A artesã Esperança Coelho é outra referência da trapologia em Castelo de Vide.⁹

⁹ Referenciada no projecto *Arte Nossa* no âmbito da unidade curricular de Projecto, do 3º ano do Curso de Animação Sociocultural da Escola Superior de Educação de Portalegre, em Maio de 2008, tendo em vista a valorização dos ofícios castelovidenses, in <http://artemaisnossa.blogspot.pt/2008/05/arte-da-trapologia.html> [consultado em 30 Janeiro 2013].

No sítio de Castelo de Vide não se encontra mais nenhum artesão dedicado à trapologia, in <http://www.castelodevide.pt/turismo/pt/ver-e-fazer/pecas-tradicionais/artesaos> [consultado em 30 Janeiro 2013].



Almofada com padrão composto por várias cores e tecidos, 35x35 cm

Bolsa para pão, 31,5x24,5 cm

Fig. 32 – Vistas de frente e laterais de almofada e bolsa de pão.

É registado pelos alunos que este tipo de trabalho nasce por uma *necessidade interior*: quadrados de pano que se transformam em jogos de cor e textura.

3.10 Manuel Frutuoso

Manuel Frutuoso é natural da freguesia de Ribeira de Nisa situada nas imediações da cidade de Portalegre. Aos 13 anos de idade aprendeu com o pai a profissão de cesteiro. Corta na sua propriedade as varas de castanho, *esgalham-se* (tiram-se os galhos) e guardam-se debaixo de terra (se demoram muito tempo a ser trabalhadas) ou num tanque com água (se a espera for de 1 a 2 meses).



Fig. 34 - Apanha das varas de castanho.

Alunos: Cândida Graça, Marta Duarte e Sónia Henriques, 2005.

Depois de passar as varas pelo lume tira-lhes a pele e abre-as ao meio. Na oficina desfolha-as e coloca-as no *cavalo* para as *aparelhar*.



Fig. 35 – Utilização da *faca de lavar* para *apurar* as varas no *cavalo*.



Fig. 36 – Início da base do cesto com as *travadeiras*.

Depois de *aparelhadas* as varas são *talhadas* (as varas são medidas previamente pelo artesão consoante a dimensão do cesto), iniciando a construção do fundo ou *estrado* com as *travadeiras*. Realizado o fundo, *tecidas* as paredes e elaboradas as asas, fazem-se os *arredondamentos*, corrigindo alguma imprecisão e finalmente coloca-se a correia em redor do bordo do cesto.

As cestas têm denominações e dimensões variadas: cestas de quatro asas, cesto redondo, canastras, cesto de pilar castanhas, balsa e esteirões.

Participou em várias feiras nacionais e internacionais destacando Vila do Conde, Badajoz, Mérida e Cáceres.

3.11 A Olaria de Flôr da Rosa

A aldeia histórica de Flôr da Rosa é identificada como o centro oleiro mais importante do Alto Alentejo na década de 60 do séc. XX¹⁰. Nos anos 50 do séc. XX as bermas das ruas aparecem cobertas de peças de olaria a secar¹¹.

João de Jesus Serra mais conhecido por Sr. Pardal é o último dessa geração de oleiros.



Fig. 38 - João de Jesus Serra na sua Olaria in “Janelas Indiscretas” de Raul Ladeira.

Atualmente existe a Escola de Olaria onde se encontra a empresa de inserção *Barros Flôr da Rosa* com o objetivo de reproduzir e manter as peças da olaria tradicional¹².

¹⁰ PARVAUX, S. (1968), *La Céramique Populaire du Haut-Alentejo*, Paris, Presses Universitaires de France, p. 24.

¹¹ Documentação fotográfica em <http://www.jf-flordarosa.pt/galeria.htm> [consultado 30 Janeiro 2013].

¹² <http://www.jf-flordarosa.pt/olaria.htm> [consultado 30 Janeiro 2013].

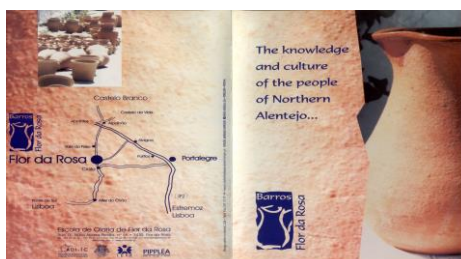


Fig. 39 – *Barros Flôr da Rosa*, desdobrável em língua inglesa.

3.12 Joaquim Mendes Correia

Joaquim Mendes Correia natural de Portalegre, onde possui uma carvoaria no centro da cidade e aí reúne os seus arranjos de flores secas, construindo composições tridimensionais equilibradas e originais; as plantas procura-as na Serra de S. Mamede ou cultiva-as, tais como: o centeio, trigo, azevinho, palanco, pão de rola, atabuas, rosmaninho, marcelas, rabo de raposa e manjeriço, entre outras¹³.



Fig. 40 – Joaquim Mendes Correia.

Alunos: Ana Maria Martins,
Maria Elisa Alves,
Maria Solange Pinheiro, 2004.

O seu trabalho tem alguma procura mas são os turistas os que mais se surpreendem com tal mestria. Conta-nos na entrevista registada pelas alunas que uma sua neta, na Alemanha, reconheceu nuns postais os arranjos de flores secas de seu avô.

¹³ Sobre este artesão regista-se o artigo *Entre flores e olhares* in Revista Pormenores, nº 5, Fevereiro 2010, p. 27.



Fig. 41 – Formas diferenciadas de organizações formais.

A apresentação destas mulheres e homens que dedicam parte do seu tempo à elaboração de peças com cunho pessoal, autênticas, procurando por tentativa os melhores materiais, os melhores processos para dar visibilidade a uma sensibilidade que está para além das tarefas repetitivas do dia-a-dia, não se esgota aqui, pois existe mais documentação, outros artesãos que se encontram ligados à suas raízes e produtores de peças inigualáveis, mas se situam para além do Nordeste Alentejano.

Se existem obras que partem da capacidade imaginativa do ser, em outras urge a transmissão de saberes, de técnicas que se praticam e que é necessário preservar como elemento identitário de uma região.

4 Propostas para o Futuro

Os projetos que de seguida se apresentam manifestam a necessidade de uma geração de designers de contribuir para a revitalização de formas ancestrais, deslocando-se aos locais onde os ofícios artesanais resistem à sociedade contemporânea e a todos os seus pressupostos.

4.1. Experimenta o Campo

Em 2006-2007 surge o projeto *Experimenta o Campo* onde se associam várias áreas do *saber-fazer artesanal* com as metodologias do design, dando resposta a um desenvolvimento sustentável; reúnem-se neste projeto dois universos distintos: por um lado o artesanato, um universo de objetos nascidos de uma relação com a terra, com uma vivência geracional, elementos associados a uma identidade própria perpetuada no tempo; por outro lado, o design associado a processos metodológicos dirigidos a uma sociedade de consumo e à produção de massas.



Fig. 42 – Capa do Catálogo do Projeto *Experimenta o Campo*.

Como parceiros neste projeto encontramos o Centro de Estudos de Novas Tendências Artísticas (CENTA) de Vila Velha de Rodão, a Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha (ESAD.CR) e os artesãos da Beira Interior e do Alto Alentejo.

Procura-se com este projeto uma troca recíproca de conhecimentos entre artesãos e designers. Pensamos ser esta a forma para uma real sobrevivência das formas de identificação regional.

Em Nisa o trabalho em feltro é apresentado pela D. Diniz Pereira, artesã e orientado pelo designer Miguel Vieira Baptista; os futuros designers desenvolveram objetos, apropriando-se das qualidades matéricas do feltro, do desenho, dos motivos dos bordados em feltro, tradicionais da vila de Nisa. Os resultados obtidos vão desde bolsas para telemóveis, a cobertores denominados *cobertor do aconchego*, almofadas, *almofada dos abraços* e sapatos de interior.

O mestre António Louro, oleiro de profissão, outro dos participantes no projeto, transmite os procedimentos da olaria tradicional de Nisa aos futuros designers, orientados pelo designer Filipe Alarcão.



Fig. 43 - Mestre António Louro, oleiro de peças com incrustação de pedras de quartzo em motivos tradicionais de Nisa.

As formas desenvolvidas respondem a uma necessidade com funções utilitárias, recorrendo ao processo cerâmico, recriaram-se jarras, queijeiras, saias de garrafa e saleiro/pimenteiro.



Fig. 44 – Peças de barro resultantes do projeto *Experimenta o Campo*.

Ambos os artesãos consideraram muito louvável a iniciativa, mostrando-se abertos a futuras colaborações.

4.2. Velhas Técnicas Novos Conceitos

O projecto *Velhas Técnicas Novos Conceitos*, apoiado pela Câmara Municipal de Fronteira pretende, como o projeto anterior, estabelecer uma estreita relação entre o *saber-fazer artesanal* e os conceitos do design contemporâneo, preservando a identidade cultural.



Fig. 45 - Manta de pastor com almofada para sofá.
Catálogo de 2005.



Fig. 46 - Vaso para plantas com passarinho.
Catálogo de 2005.

No sítio do projeto indica-se:

*Pretende-se com esta actividade experimental, cujos intervenientes são a Câmara Municipal de Fronteira, a EVOL e artesãos da região, adequar as novas tecnologias e a metodologia projectual do design ao saber ancestral do artesanato, articulando estes dois pilares a fim de conseguir uma mais valia para os vários vértices que a compõem.*¹⁴

¹⁴ <http://www.vtnc.net/> [consultado a 2 de Fevereiro 2013]

Participaram neste projeto os artesãos: Mestre Zacarias, Mestre Xico Tarefa, Conceição “Concha”, Mafalda Costa, Teresa Branquinho, Helena Loermans, e Hélder Cavaca.

4.3 Torre do Tempo, Produtos Manufacturados

Ao projeto *Velhas Técnicas Novos Conceitos* sucede um novo denominado por *Torre do Tempo, Produtos Manufacturados*, apresentado como o resultado entre o Projecto Alma promovido pela Câmara Municipal de Fronteira e a empresa EVOL.



Fig. 47 - Logotipo do Projeto

Este projeto define como objetivo:

apoiar iniciativas que promovam o artesanato português e o trabalho realizado pelos artesãos, para além de dinamizar a relação entre o meio rural e o meio urbano e incentivar o desenvolvimento de regiões outrora esquecidas. Actualmente, a TORRE DO TEMPO dedica-se à área abrangida pelo Alto Alentejo construindo diariamente uma relação de confiança baseada nos saberes-fazer locais aliados a uma forte vontade de desenvolver novas ideias e experiências com as gentes locais. Como elo entre a tradição e a inovação no Design, é um dos objectivos da TORRE DO TEMPO estimular a criação de novos conceitos em torno das técnicas tradicionais presentes na região e a exposição e comercialização das experiências aqui adquiridas, tendo como síntese deste processo, os produtos daí resultantes que se mantêm orgulhosamente fiéis às matérias-primas e aos “ingredientes” e auxiliares que lhes reforçam a sua identidade e genuinidade.¹⁵

Com divulgação em Fevereiro de 2010 este projeto não se encontra de momento disponível nas redes sociais, pelo que não poderemos acrescentar mais dado.

¹⁵ <https://www.facebook.com/EVOLSTUDIO> - Torre do Tempo divulgação a 5 de Fevereiro 2010. [consultado a 2 de Fevereiro 2013].

4.4. Projecto em Aberto

Após a apresentação da comunicação, em Maio de 2012, surge uma exposição que merece ser mencionada, dando continuidade ao nosso interesse por esta temática.

Na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa os alunos do 1º ano do ano letivo 2012/2013 de Design de Equipamento realizaram durante o 1º Semestre um workshop que deu origem à exposição *Buinho, aprender & aplicar* a decorrer de 26 de Fevereiro a 22 de Março de 2013 na FBAUL.

Este workshop vai dar origem ao *Projecto em Aberto* que:

*nasce da vontade e necessidade de repensar a cultura material actual, questionar como interagimos com os objectos, o que deles pensamos e as consequências das nossas acções e intervenções. Aliado à vontade de fortalecer o conhecimento das tradições portuguesas, trazendo-as à memória contemporânea, este, não é apenas um guia para a construção de mais um objecto, mas sim, um veículo de divulgação de cultura material.*¹⁶

Esta primeira ação desenvolvida pela docente Ana Lia Santos da FBAUL incidiu sobre a recriação de um banco tradicional alentejano com indicações sobre os métodos de empalhamento em bunho¹⁷.

¹⁶ <http://projectoemaberto.blogspot.pt/> [consultado a 28 de Fevereiro 2013].

¹⁷ Sampaio, 1946, p. 33: *espiguetas mediócras, ovóides, dispostas em grupos desigualmente pedunculados; aquénios maiores, sempre claros; caules mais elevados e mais grossos, mas moles e facilmente compressíveis. Per.4-9- Terrenos úmidos, desde o Douro ao Algarve. Bunho 112. *Scripus lacustris* Lin.*



Fig.47 – Desdobrável do projeto.

Conclusões

Se por um lado quisemos registar os nomes, os rostos de quem no Nordeste Alentejano se dedica ao manuseamento de técnicas ancestrais, numa procura de comunicação com o outro, apostamos no *saber-fazer artesanal* como fonte de criatividade para uma nova geração.

Desde sempre nos interessámos por formas arcaicas, mas foi a partir da exposição *Reinventar a Matéria* de 2001 que pensámos que faria todo o sentido transformar uma identificação pessoal num material de pesquisa e aprofundamento.

Por razões profissionais e localização geográfica pensamos ter reunido os fatores essenciais para desenvolver a matéria abordada nesta comunicação. Assinalamos a possibilidade que esta comunicação nos ofereceu para que pudéssemos reunir bibliografia que consideramos essencial para futura reflexão.

Bibliografia

ALVES, J. E. (1998), PARTNA – Promoção do Artesanato do Norte Alentejano. *Levantamento e Caracterização das Manifestações de Artesanato do Norte Alentejano: Artesãos, Produtos, Custos e Organizações*, Portalegre, Associação de Municípios do Norte Alentejano (documento policopiado).

BRANCO, J. (2005), Artesanato e Design: Parcerias com Futuro? in *Revista Mãos*, Revista Trimestral n°27/28, Out/Dez 2004, Jan/Mar 2005, Porto, CRAT.

BRANDÃO, P. (2003), *A Alma do Design*, Cadernos de Design, Lisboa, Centro Português de Design.

CORREIA, V. (1916-1917), Pintadeiras ou Chavões Alentejanos in *Terra Portuguesa, Revista Ilustrada de Arqueologia Artística e Etnografia*, Lisboa, vol. I, n°1, pp. 23-29.

CORREIA, S. (2003), Das Relações entre Design e Artesanato, entrevista a Francisco Providência in *A Alma do Design*, Cadernos de Design, Lisboa, Centro Português de Design, pp. 16-22.

GASPAR, F. (2003), Artesanato e Design – Que Cumplicidades? in *A Alma do Design*, Cadernos de Design, Lisboa, Centro Português de Design, pp. 28-29.

LEAL, J. (2002), Metamorfoses da Arte Popular: Joaquim de Vasconcelos, Vergílio Correia e Ernesto de Sousa in *Etnográfica*, Vol. VI (2), pp. 251-280.

MELO, A. (2004), O Mundo Mágico de Paula Rego in *Compreender Paula Rego* Porto, Edição Público/Serralves, pp.57-61.

PARRA, P. (2011), O Mundo Alentejano – Alentejo: uma das culturas europeias mais antigas, Lisboa, Artes da Casa, Catálogo FIL Artesanato.

PROVIDÊNCIA, F. (comissário) (2001), *Reinventar a Matéria, exposição de design*, Lisboa, Galeria da Mitra, Porto, Centro de Artes Tradicionais, org. Centro Português de Design e ESAD - Matosinhos.

s.a. (1983), *O Falar das Mãos, Joaquim Carriço “Rolo”, um artesão da madeira e do chifre*, Edição do Núcleo de Dinamização Cultural de Estremoz a Trabalhar com as Bibliotecas e Museu Municipais, Estremoz.

SAMPAIO, G. (1946), *Flora Portuguesa*, Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa, Imprensa Moderna.

SANTOS, M.P. (2007), *Vanguardas & Outras Loas, Percorso Teórico de Ernesto de Sousa*, Lisboa, Assírio & Alvim.

SANTOS, D. (2003), Artesão? Designer? in *A Alma do Design*, Cadernos de Design, Lisboa, Centro Português de Design, pp. 24-27.

SOUSA, E. (1995), Um escultor Ingénuo in *Onde Mora o Franklin, um Escultor do Acaso*, Lisboa, Instituto Português de Museus, Museu Nacional de Etnologia, pp.27-35.

Notas sobre o autor:

Maria da Conceição Torres Cordeiro

ccordeiro@esep.pt

Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Portalegre

Professora Adjunta na Área Científica de Expressões Artísticas e Motricidade na Escola Superior de Educação de Portalegre.

1958 - Natural de Vila-Boim, Elvas.

1986 - Licenciatura em Pintura pela Faculdade de Belas-Artes do Porto.

1999 - Mestrado em História da Arte – Área de Especialização em Teorias de Conservação e Restauro do Património Artístico – Universidade Lusíada, Lisboa, com a dissertação: “Estudo de peças hispano-árabes de reflexo metálico integradas em museus portugueses”.

2011 - Curso de Formação Avançada em Belas-Artes correspondendo ao 1º ano do Curso de Doutoramento em Belas-Artes na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Encontra-se a desenvolver a tese de doutoramento com o título “O Processo Criativo da Pintura num Contexto Cultural Híbrido - Imaginários Ancestrais e Primitivos”.